

SEPARATA

Revisitando Ibn Kâldun
a propósito da História de Portugal

3º

congresso sobre o algarve

1984
textos das comunicações

19-22jan.

vol. 1



REVISITANDO IBN KHÂLDUN A PROPÓSITO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

(9)

JOSÉ LAGINHA SERAFIM *

RESUMO

O célebre historiador, sociólogo e político do Magreb, do século XIV, deixou uma obra ímpar na análise dos fenômenos históricos e em teorias sobre a evolução das sociedades, num extenso prólogo (Muqaddimah) à sua História Universal. Para nós tem particular interesse a que se refere ao Ocidente Árabe e à Andaluzia, isto é, à parte do mediterrâneo à qual estamos mais ligados, quer pela história, quer pelos "traços culturais" do povo algarvio. Há que ter em conta que a história de Portugal da primeira e segunda dinastias esteve eminentemente entremeada com o mundo islâmico.

* Professor catedrático da Universidade de Coimbra.

2 - CULTURA MEDITERRÂNICA

Numa "visão mediterrânica" da cultura mundial de hoje, Portugal não pode estar afastado, já que é saída e entrada para esse mar que tão importante se tornou na gestação da civilização que toda a humanidade usufrui. Anote-se que tal cultura mundial é, em grande medida, helenística. Por isso há que discernir quais foram os caminhos por onde ela chegou até nós. A posição geográfica portuguesa deu aos nossos antepassados medievais um conhecimento das tradições e saberes mediterrânicos. Esse conhecimento chegou-nos quer através do mundo árabe peninsular e africano, quer através do que fomos sabendo do resultado das relações entre as repúblicas italianas e o Oriente, de que Marco Paulo foi o maior intérprete, mas não único. Por outro lado, Portugal, nas relações nos seus muitos portos, conservou e desenvolveu um conhecimento cosmopolita do que se ia passando pelo mundo. Este factor teve uma importância determinante na gestação da intelectualidade portuguesa do fim da primeira dinastia e princípio da segunda, a qual desembocou na fantástica gesta dos Descobrimentos.

Entre as grandes civilizações do Mundo Mediterrânico que prestaram atenção à formação da nacionalidade portuguesa encontra-se a islâmica, então em conflito marcado com todos os poderes da "europeia" Península. Várias figuras árabes e cristãs descreveram os acontecimentos, as guerras e os movimentos intestinos da Ibéria, mas foi o historiador e sociólogo Ibn Khâldun, contemporâneo de D. Fernando e D. João I, que o fez com mais generalidade que os seus pares árabes, como Ibn al-Khâtib de Granada, ou portugueses como Fernão Lopes, e vários espanhóis medievais. Escrevemos há algum tempo sobre Ibn Khâldun, extraordinário político e humanista árabe. Revisitá-lo aqui no Algarve parece ser propósito de grande importância para o desenvolvimento do estudo da cultura arábica na nossa terra.

Foi Ibn Khâldun um dos grandes filósofos da História, certamente um precursor das ideias mais recentes. Fundamentalmente escreveu uma História Universal (Kitab el-Ibar), da qual a Introdução é a parte mais importante e mais conhecida. Também foi Ibn Khâldun um dos "historiadores novos", iríamos até dizer "renascentista", com um conceito diferente do da antiguidade e do medieval na forma de

encarar e descrever a História. A História deixou de ser um relato de vidas de "príncipes" e das grandes personalidades, às quais havia que agradar ou então aos seus descendentes, deixou de basear os factos em estórias, umas fantásticas outras celestiais, e passou a ser uma ciência baseada em determinadas teorias que Ibn Khâldun defendeu e verificou. É o caso da forma como transmuta o poder entre beduínos e citadinos, é a forma como evoluem os impérios, as revoluções e as guerras intestinas, é a forma como se passa de sistemas democráticos para sistemas governados por tiranos. A esse respeito foi pena que Ibn Khâldun não tivesse chegado a vir a Portugal durante as suas deambulações pelo mundo, entre as quais se conta, como ponto mais importante, a sua passagem por Granada e a sua presença em Sevilha como embaixador do sultão junto de Pedro I, o cruel, de Castela (sobrinho de Pedro I, o cru, de Portugal). Dentro dos conhecimentos mais relevantes daquilo que os árabes transmitiram aos Portugueses, segundo agora se pode averiguar, estão os do mundo antigo, isto é, os da "cultura clássica". Não pode deixar de se pensar que o início da primeira dinastia permitiu um certo contacto entre as duas civilizações: uma civilização guerreira, formadora duma nacionalidade conquistadora iniciada pelo nosso D. Afonso Henriques, e uma civilização de elevados interesses culturais que então já estava muito decadente e acima de tudo procurava "pôr ordem no caos", como já tivemos ocasião de dizer¹. Estas duas civilizações tiveram alguns momentos de paz, tiveram alguns tratados de amizade, procuraram algumas vezes fazer a paragem das guerras apenas em episódicas tréguas; estas duas civilizações ainda puderam dialogar. É durante essas ocasiões que os cristãos Portugueses, ao chegar a Silves, ao chegar a Tavira (cidade fundada pelos árabes), ao chegar a Odemira, ao chegar a Mértola, ao chegar a Alcácer do Sal, tiveram ocasião de verificar que a sabedoria dos árabes era bem superior à sua e tiveram ocasião de aprender muito para o seu futuro. Assim é que Ibn Khâldun, quando descreve no último livro da sua História Universal, isto é, na "História dos Berberes", as batalhas com os europeus, com o inimigo, com um feroz e primitivo conquistador, não deixou de referir a sua inteligência, bem expressa no seu génio guerreiro, ao qual rende homenagem na pessoa de Ibn er-Renk (D. Afonso Henriques). É no meio desses tropéis, para cima e para baixo, é assim que os portugueses aprendem um tanto dessa cultura extraordinária que está referenciada na Espanha Muçulmana no séc. XII por Averroes (Ibn el-Ruschd), o grande médico, cien

tista e filósofo de Granada. Este contacto, por vezes episódico, não está historiado; é indispensável que se historicie. Talvez o único português, o único intelectual, que fez um esforço nesse sentido, foi Alexandre Herculano, mas ele não tem sido devidamente seguido. Nós pensamos que o nosso Instituto de Estudos Árabes tem e possa ter uma influência marcada num futuro estudo sobre esta matéria.

2 - IBN KHÂLDUN E A HISTÓRIA

Renova-se de dia para dia, como marcam bem as actas do Colóquio Internacional sobre Ibn Khâldun realizado em Argel no mês de Junho de 1978, a importância do estudo da civilização árabo-islâmica, como ponto de partida para estudar as civilizações mediterrânicas. Esse estudo deve ser considerado como uma nova fase muito importante na via do diálogo entre civilizações e povos. Quem, como nós, contacta agora com a Argélia, verifica como se vai tornando possível esse diálogo que, durante pelo menos "os nossos oito séculos de cultura e civilização" não tem sido possível. Seria interessante que alguém descobrisse, que alguém levantasse o véu, de porquê não tem sido possível. Nós até diremos que depois das locubrações filosóficas de Marcuse, que se tornaram tão populares para a juventude aqui há uma dezena de anos, é necessário que esse desconhecimento acabe e que as culturas árabe e chinesa entrem no nosso diálogo. Essas culturas não foram menos importantes, não foram menos promotoras do progresso que usufruímos do que a cultura mediterrânica, digamos melhor, greco-latina-árabica. Recorde-se que pouco se saberia hoje de Aristóteles se ele não tivesse sido traduzido, estudado, seguido, meditado pelos árabes e pelos asiáticos muçulmanizados.

Há hoje, e felizmente que há, uma via para o diálogo entre as civilizações dos povos do lado norte e do lado sul do Mediterrâneo e isso, em nosso entender, marca uma nova fase da história humana, a qual se encontra em permanente conflito em vários sítios do mundo, exactamente porque não se têm entendido até hoje dois polos religiosos da humanidade. Esta nova fase está tendo os seus episódios, nada de aceitar, no Líbano e não só.

Quando se olha para o mundo ocidental, verifica-se que há "uma ignorância deliberada da civilização árabo-islâmica", como disse Mohamed El-Mili-Brahimi². É também ele que afirma que cer

tas concepções errôneas da civilização que usufruímos resultam do racismo, do espírito de superioridade e dum paternalismo que não estão hoje ajudando nada a raça branca. Aqui o "espírito cosmopolita algarvio" pode ser muito importante. Não esqueçamos que até há bem pouco tempo o colonialismo impôs ao mundo, ao africano em especial, e também aos povos do Extremo-Oriente e mais tarde da América do Sul, um colonialismo que trouxe vários males, entre eles "o analfabetismo e a ignorância, a exploração desenfreada, as tentativas de alienação cultural, a despersonalização e a guerra"... que hoje continua². Oxalá as últimas confrontações, e em especial a do Líbano, venham pôr termo a esta situação da qual nos podemos vir a arrepender muito, se quisermos continuar.

4 - OS ÁRABES E O DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA

É necessário ver claro: o período de Ibn Khâldun corresponde efectivamente ao período em que se gerava a nação portuguesa. Depois de um período brilhantíssimo de reconquista, que teve início com D. Afonso Henriques, a primeira dinastia termina com reis dum pensamento político claro, coerente e nacionalista, em especial D. Dinis. A nação portuguesa afirmou-se então. Cresceu à custa do espaço sarraceno e afirmou-se no conhecimento que o seu povo, recordando a cultura que o mediterrânico lhe havia entregado ao longo de dois milénios. Afirmou-se porque foi capaz também de perceber que a civilização que existia nos portos dos quais se gerou a nação portuguesa era bastante para formar um espírito nacional que iria desembocar nos propósitos da maravilhosa segunda dinastia, que deu "novos mundos ao mundo". Em tudo isto a civilização árabe teve algo de importante. A segunda dinastia começa por conquistar Ceuta e todos os outros portos importantes do norte de África, para daí partir para as descobertas, que foram, incontestavelmente, a grande gesta dos portugueses. Mas o único mal de tudo isto é que, entretanto, esqueceram a grande civilização que estava ao lado mas guerreavam, civilização que foram encontrar na Índia, civilização que já se tinha expandido até ao meio da Ásia, civilização que já contornava a África quando os Portugueses lá chegaram, civilização que ajudou a transportar os Portugueses à Índia, desde Melinde³. Assim é que Camões escreve na estrofe 5 dos Lusíadas:

"No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A Navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha."

De facto, a gestã dos descobrimentos que enviou os grandes portugueses Pero de Alenquer e Afonso de Paiva para o Oceano Índico, não só trouxe a Portugal grandes promessas no reino de Preste João, mas também permitiu que os portugueses contactassem profundamente com os árabes, o que foi essencial para dominar todo o comércio com o Oriente⁴. Foi, sem dúvida, a entrada dos portugueses pela mão do piloto árabe na Índia e o facto, ao mesmo tempo, de outra civilização islâmica, a dos Mogus, (turco-mongóis), ter entrado pelo norte desse subcontinente até Delhi e Agra, onde deixaram o famoso templo do Tahj-Mahal, que permitiu que as duas civilizações convivessem durante breves anos no Oriente. Mas os contactos não levaram à compreensão dos povos das duas civilizações e muito menos à amizade com os vizinhos. Vem D. Sebastião, vem Alcácer Quibir, e Portugal perde não só a Independência mas o extraordinário ímpeto civilizacional que havia ganho até então... E há que o dizer, o Algarve deixa de ser, dentro do contexto português, a província importante que havia sido durante o período das Descobertas e da Conquista.

Mas deixemos a nossa história e dediquemos algum espaço mais a ensinamentos que, entre muitos, Ibn Khâldun nos traz do progresso que os árabes aportaram à nossa cultura. Escolheremos apenas para exemplo o das Ciências, particularmente das matemáticas.

4 - IBN KHÂLDUN E AS CIÊNCIAS

Para Khâldun "o que distingue o homem dos outros animais é a sua capacidade para pensar... e isso lhe dá uma nobre superioridade sobre tudo quanto existe" (M.II.411)⁵. Essa capacidade começa pela "compreensão humana inteligente das coisas" que compreende a "percepção" e o "descernimento intelectual"; implica também "as ideias e o comportamento necessários para tratar com os outros homens e também para os dirigir" (capacidade política); implica ainda no "intelecto especulativo ou aperceptivo" (teorizante) que "entende a existência de vários géneros, diferenças, razões e causas" e assim apreende "a realidade humana" (M,II,413). É esta "habilidade para pensar" que leva o homem à criação das ciências, por um comportamento pragmático do seu intelecto, face à observação do mundo exterior, dizemos nós e sugere-o Khâldun. Temas como: "O homem é essencialmente ignorante e torna-se culto pela aquisição do conhecimento" ou "A instrução científi-

ca é uma actividade" (M, II, 424-425) e vários outros de grande interesse humanístico são tratados no Muqaddimah.

As numerosas ciências existentes (no seu tempo), em que são postas em relevo "as ciências religiosas", são objecto de um longo estudo e reflexão que ocupa mais de um volume dos três que constituem o Muqaddimah. Elas são divididas em Filosóficas e Tradicionais (convencionais); entre as primeiras figuram, entre outras, "as ciências que tratam dos números" (cálculo, álgebra, aritmética dos negócios, leis das heranças), "a geometria" (figuras esféricas, secções cônicas e mecânica, topografia e óptica), "a astronomia, física, medicina, agricultura, e outras (mais ou menos subjectivas) como a metafísica, alquimia, astrologia, talismãs, segredo das letras (Zairajah)", etc. Curiosíssima, na "teologia especulativa" a discussão do antropomorfismo de Deus. Muitas outras considerações do maior interesse poderíamos assinalar, mas elas não cabem no "espaço" deste congresso.

Estas já nos parecem citações bastantes para ilustrar a sabedoria transmitida pelos árabes no começo da nossa nacionalidade. O Tratado da Esfera, e o Libro de Álgebra de Pedro Nunes⁶, mostram como essa sabedoria estava, já no séc. XVI, sôlidamente implantada em Portugal. E por aqui ficamos hoje.

NOTAS:

- 1 - J. Laginha Serafim - "Ibn Khâldun - Historiador e Humanista - Cadernos Culturais, Editorial Inquérito, Lisboa 1984.
- 2 - Centre National d'Etudes Historiques - Majallat et Tarick - "Actes du Colloque International sur Ibn Khâldun", Ed. Sociêté Nationale D'Édition et Difusion, Alger 1982, pg. 9.
- 3 - O "piloto árabe de Vasco da Gama" havia sido referido como um Mouro Guazarate de nome Malemo Cana por João de Barros. "Ásia" - Dec. I, liv. IV, cap. VI, ou Malemo-Canaqua por Damião de Góis - "Crônica do Sereníssimo Senhor Dom Emanuel", Primeira Parte, Capítulo XXXVIII, Coimbra, Real Officina da Universidade, MDCCLXXX, pg. 87 (... "o que durou até se o Príncipe (rei de Melinde) recolher para os paços, o qual todo o tempo que ali esteve ha armada mandou visitar a Vasquo da Gama, e os outros capitães com refresco da terra, além de que lhe deu um bom piloto mouro guazarate de nome Malemo Canaqua, e com muito desejo que tinha da nossa amizade, tomou a fé a Vasquo da Gama, que tor-

nasse pera alli, queria mandar hum embaixador a el Rei de Portugal pera com elle assentar paz e amizade"...). Este piloto foi identificado por Gabriel Ferrand como o célebre navegador assíduo do Índico, Ahmad Ibn Madjid de que falaram vários historiadores árabes (v. Gabriel Ferrand - "Introduction à l'Austronomie Nautique Arabe", Paris 1928) conforme citações de Jaime Cortesão ("Os Descobrimentos Portugueses", Vol. I - Arcádia, Lisboa, pg. 55) e também referido por Damião Peres ("História dos Descobrimentos Portugueses", Coimbra 1960, pg. 393). Em qualquer dessas obras se cita já o trabalho de T. A. Chumovsky ("Três Roteiros Desconhecidos de Ahmad Ibn Mâdjid" - Ed. Academia das Ciências da URSS, Moscovo-Leninegrado 1957). O papiro que contém esses roteiros, entre eles o que diz respeito à viagem de Vasco da Gama, está redigido em verso e foi descoberto em Leninegrado, antes de 1930. Foi identificado pelo arabista J. Kratchovsky que dele deu conhecimento a G. Ferrand. Quando dele foi dado conhecimento ao mundo em 1957 através da imprensa, pretendeu-se então provar que os portugueses não foram mais que "piratas do mundo árabe". Esse roteiro, conhecido como Roteiro de Sofala, tem uma versão em português de Myron Jirmunsky que está reproduzido por Costa Brochado ("O Piloto Árabe de Vasco da Gama", Ed. Com. Ex. V. Centenário do Infante D. Henrique 1959). Nele se indica como navegar no Índico, pela forma das costas e pelas estrelas, em certas épocas propícias do ano, apercebendo-se do tempo e dos ventos. Aí se fazem referências aos Francos (portugueses), ao seu percalço em Mombaça no dia de S. Miguel e de como os conduziu para a Índia. Este assunto tem sido já objecto de vários estudos, entre os quais devemos referir o de Maria Emília Madeira Rodrigues ("Viagens de Exploração Terrestre dos Portugueses em África" - Edição do Instituto de Cultura Portuguesa).

- 4 - Veja-se a excelente obra do Conde de Ficalho "Viagens de Pero da Covilham", Ed. António Maria Pereira, Lisboa 1898.
- 5 - As referências do texto (M....,....) indicam o volume e página da obra de Ibn Khâldun - "The Muqaddimah" segundo a tradução em três volumes de F. Rosenthal, Ed. Panteon Books, N.Y., 1958.
- 6 - Vejam-se as edições magníficas, da Academia das Ciências, das Obras de Pedro Nunes, Imprensa Nacional de Lisboa, MCMXL, MCMXLVII.